

ENTREVISTA

BRICS: CENÁRIOS E PERSPECTIVAS

por Fabiano Mielniczuk

Entevista: João Henrique Salles Jung



Fabiano Mielniczuk, doutor em Relações Internacionais e diretor da Audiplo, fez parte da delegação brasileira que participou do Civil BRICS em 2015. Foto: Divulgação/Civil BRICS

Criado em 2000, os BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – são conhecidos pelo seu potencial econômico, mas eles representam muito mais do que apenas boas opções para os investidores internacionais. Além de representarem um quarto do planeta, os cinco países possuem 40% da população mundial e um PIB cumulativo em torno de 26% do global.

Em um contexto de crise global, o bloco priorizou a agenda econômico-financeira, mas a ideia de construção de uma ordem mundial mais democrática sempre esteve subjacente a ela. Considera-se que, juntos, os BRICS tenham poder para alterar a correlação de forças no sistema internacional, de modo que se construa uma governança global para além dos interesses particulares de uma ou duas grandes potências.

Em entrevista a Revista Novas Fronteiras, o Doutor em Relações Internacionais pela PUC-Rio, Fabiano Mielniczuk, aborda questões que partem desde a relevância da instituição no cenário internacional até a importância da presença brasileira na mesma. Atualmente, Mielniczuk é professor da ESPM-Sul, colaborador do PPGEEI/UFRGS e diretor da Audiplo: Educação e Relações Internacionais. Em sua trajetória, já atuou como Coordenador de Pesquisas do BRICS Policy Center, no Rio de Janeiro e foi professor de Relações Internacionais dos programas de pós-graduação e graduação do IRI/PUC.

O que é o BRICs e quais as suas principais pautas?

O Brics é um agrupamento de países que começou a se reunir em termos de Cúpula a partir de 2009 e que tinha, em sua origem, o objetivo principal de reestruturar o funcionamento da governança econômica mundial, com a bandeira de dar mais poder de decisão aos países em desenvolvimento. Com a entrada da África do Sul e com o envolvimento da China e da Rússia em problemas geopolíticos com as potências ocidentais, é possível afirmar que a ampliação de membros foi acompanhada pela ampliação da agenda do grupo, e assuntos de segurança passaram a ter bastante importância nas declarações dos encontros de cúpula.

Qual a importância de um grupo como o BRICs na atual conjuntura internacional?

Os Brics pretendem democratizar a ordem internacional, que esteve sob influência do momento unipolar norte-americano dos anos 1990 ao início do século XXI. Por isso, o agrupamento defendeu as reformas do sistema de quotas no FMI e no BM, e a necessidade de se respeitarem as decisões do CS em relação a situações de ameaça à paz e à segurança internacional. Graças a articulações envolvendo os Brics, organizações multilaterais fundamentais para as RI passaram a ser comandadas por representantes de países em desenvolvimento, tais como a FAO, a WIPO, a WTO, entre outras. Nessas organizações, cresce o compromisso com a necessidade de democratizar os mecanismos multilaterais e de atender às expectativas dos países mais pobres.

O BRICs pode ser percebido como um grupo contra-hegemônico?

Do ponto de vista econômico, sim. Militarmente, não. Em termos econômicos, os Brics avançaram muito em função do consenso de que a economia liberal defendida pelos representantes do FMI e do BM mundialmente, a partir dos anos 1990, trouxe mais problemas do que soluções aos países em desenvolvimento. Isso foi verdadeiro de modo muito traumático

para as aberturas econômicas promovidas pelo Brasil e pela Rússia nos anos 1990. Para piorar as coisas, o momento unipolar não permitia contestação ao ideário liberal, em função da concentração de poder econômico e militar nas mãos da OTAN. Portanto, os Brics promovem uma agenda de desenvolvimento econômico e multipolaridade, pois só em um ambiente multipolar há espaço para contestação das ideias dominantes. Isso ocorre com a ênfase dada pela China ao seu projeto de ter uma economia de mercado administrada pelo Estado ou, no caso da Rússia, do papel das estatais na promoção do desenvolvimento econômico.

Militarmente, os Brics são bastante diferentes para se constituírem como uma aliança militar capaz de se contrapor à OTAN. Acho que essa função será desempenhada cada vez mais pela OCX.

“
O BRASIL FOI UM DOS PRINCIPAIS PROTAGONISTAS PARA A CRIAÇÃO DOS BRICS, MAS A PARTIR DO GOVERNO DILMA O PAÍS PASSOU A SER CADA VEZ MAIS UM COADJUVANTE.

O senhor poderia nos falar um pouco mais sobre o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD)?

É um projeto que começou a ser debatido em 2012, foi oficializado em 2014 e começa a funcionar em 2016. Trata-se de um banco que financia projetos de infraestrutura e de desenvolvimento sustentável para países em desenvolvimento. A grande vantagem é a de que não serão impostas condicionalidades políticas aos tomadores de empréstimo. Por exemplo, o FMI ou o BM, quando emprestam dinheiro, exigem que os países que recebem os recursos ofereçam contrapartidas para demonstrar sua aceitação de alguns princípios promovidos por essas organizações (por

exemplo, abertura das economias ao capital privado estrangeiro, redução dos gastos estatais, etc.). Percebe-se que, além de emprestarem, essas instituições promovem valores associados ao liberalismo, os quais favorecem bastante os interesses econômicos dos países desenvolvidos. O desenvolvimento, para os Brics, pode ser alcançado de inúmeras formas, cabendo aos países recebedores definir a maneira mais adequada à sua realidade.

Qual é o papel do Brasil dentro do grupo? O senhor crê que há uma equidade interna no bloco ou que a China possui, de fato, um maior poder de decisão?

O Brasil foi um dos principais protagonistas para a criação dos Brics, mas a partir do Governo Dilma o país passou a ser cada vez mais um coadjuvante. Isso ocorreu por dois motivos: primeiro pela incompetência da presidente em dar o devido valor às questões de política externa. Acho que não é necessário mencionar o quanto essa área foi negligenciada pela Presidência, mas basta acompanhar os cortes ao orçamento do MRE para ter um indício da irresponsabilidade com a qual a PEB tem sido tratada. O segundo motivo resulta de um erro de cálculo do Ministro Patriota. Quando ele assumiu a chancelaria, o discurso passou a ser o de que o Brasil havia apostado muito na multipolaridade, aproximando-se demais de países como a Rússia, a China e a Índia, quando na verdade o mundo seria bipolar, comandado por EUA e China e que, ao se aproximar dos Brics, o Brasil havia esquecido perigosamente de seus parceiros tradicionais. Patriota quis promover um retorno a aliados como os EUA e a Europa (os resultados da visita de Obama ao Brasil no início do governo Dilma indicam isso com clareza) para equilibrar as relações do Brasil com a China. O grande erro do governo Dilma foi que, ao promover relações com EUA e Europa, o Brasil negligenciou as relações com os outros Brics.

O resultado foi o acirramento da dependência do Brasil em relação à China nos Brics (dos 25% de comércio entre Brasil e Brics, quase 20% são com a China!) e a falta de uma estratégia para lidar com EUA e Europa (com os quais, por exemplo, temos tido déficits comerciais constantes). Assim, o próprio Brasil, por sua inabilidade, é o responsável por criar a sensa-

ção de que os Brics não são importantes, pois seriam apenas mais uma manifestação do poder chinês. A estratégia correta teria sido a de contrabalançar o poder da China fortalecendo as parcerias econômicas com os outros Brics, mas isso está muito além da capacidade do governo Dilma.

“OS BRICS FORAM MUITO NEGLIGENCIADOS NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS E EU TEMO QUE A FALTA DE CLAREZA DO BRASIL EM RELAÇÃO À IMPORTÂNCIA DO BLOCO AGRAVE AINDA MAIS A SITUAÇÃO.

O BRICs é uma prioridade na Política Externa Brasileira? O bloco deveria receber maior ou menor relevância para formulação da política exterior do país?

Infelizmente, os Brics foram muito negligenciados nos últimos seis anos e eu temo que a falta de clareza do Brasil em relação à importância do bloco agrave ainda mais a situação. As prioridades do governo são outras. Por exemplo, em outubro de 2015, a Rússia promoveu a Cúpula das Universidades dos países Brics. Lá foi lançada a rede de universidades dos Brics. Vários reitores de Universidades Federais Brasileiras estiveram presentes, mas o Brasil não se fez representar por seus ministros de Educação ou de Ciência e Tecnologia, ao passo que os ministros dos outros países estavam lá; isso em um governo cujo lema é “Pátria Educadora”! Esse é um entre inúmeros exemplos do modo como o Brasil tem negligenciado os Brics. Infelizmente, a tendência ao desengajamento continua.